

Lições de Método e História

Carlos Henrique Aguiar Serra^(*)

FEBVRE, Lucien . *Michelet e a Renascença* . Tradução de Renata Maria Parreira Cordeiro - São Paulo, Editora Página Aberta/Scritta, 1995, 455 pp.

Antes de analisar o livro de Febvre, ressaltamos que a tarefa de escrever sobre este autor é extremamente delicada, posto que o seu estilo é de uma sensibilidade ímpar e as suas idéias, quer sobre Michelet, em particular, quer sobre a História, em geral, são dinâmicas e não podem ser encapsuladas. Mais, Lucien Febvre é um autor no qual não se coloca rótulos. O seu pensamento é contrário a dogmas, à rigidez; enfim, a qualquer espécie de burocratização da cronologia no saber histórico.

É com esta visão flexível, sem dogmas, humanista, que Lucien Febvre direciona seu olhar para o outro grande historiador que é Jules Michelet. O impactante na análise é a delicadeza e generosidade com que aborda o pensamento de Michelet, assim como a própria vida do historiador, responsável pela formulação do conceito de Renascença.

“Michelet e a Renascença” é um texto que foi redigido e pensado para ser exposto pelo próprio Lucien Febvre. O período: de dezembro de 1942 a abril de 1943, em plena ocupação nazista. O local: o Collège de France. O curso: “A formação do mundo moderno, Michelet e o problema da Renascença”.

Priorizaremos, neste resenha, o estudo do método histórico de Jules Michelet sob o enfoque analítico de Lucien Febvre. A metodologia de Michelet é o ponto central de seu pensamento e encontra em Febvre um notório admirador, que por vezes chega a confundir o leitor devido a tanto entusiasmo. Não se sabe ao certo se Febvre descreve o

^(*)Doutorando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor de Sociologia da Universidade de Caxias do Sul (UCS) - RS.

método de Michelet ou se está falando a respeito do seu próprio método. A verdade é que ambos se confundem, se interligam, e se não houvesse essa afinidade, sem dúvida, as aulas de Febvre, transformadas em textos, não seriam tão agradáveis e prazerosas de se ouvir e, no nosso caso, de se ler.

Definindo que o seu curso é um ensaio sobre o poder das palavras em História, Lucien Febvre aborda a questão da “etiqueta” como um dado essencial para o historiador. A noção de etiqueta exige uma contextualização e o autor salienta que uma etiqueta “chama a outra”. Aponta que Michelet, o primeiro que estabeleceu o conceito histórico de Renascença, fez mais do que uma “cômoda etiqueta”. Na verdade, concebeu uma entidade histórica, uma espécie de realidade histórica, que nasce, cresce, evolui e morre.

À noção de etiqueta, sustentada por Febvre como necessária para o historiador, imbrica-se uma das maiores preocupações tanto dele como de Michelet: a datação. Nas palavras de Febvre, esta questão é um grande problema, com implicações ao mesmo tempo de método histórico e de história concreta.

Febvre se indaga quase a todo instante acerca da datação. Como e quando se colar a etiqueta de Idade Média? Como e quando se imprimir a etiqueta de Renascença? Ao responder a estas questões, o autor, considerando a relevância da datação para o historiador, busca datar “com fineza”, de forma alguma burocratizando esta questão em sua visão de História. É este o seu olhar sobre o método de Michelet, acrescentando que sua metodologia não é algo definitivo, fixo, imóvel, mas constitui-se como o resultado de um equilíbrio entre tendências muito definitivas e influências muito diversas. É por tal razão que Febvre sublinha o fato de Michelet ser sempre “apaixonante” para o historiador. O Michelet de Febvre é, ao mesmo tempo, um “deus” da História e um homem de seu tempo. Se, por um lado, Febvre até mitifica Michelet, colocando-o como um “ser supremo”, “absoluto” da História, por outro, ele também o desmitifica ao apresentá-lo como um homem inscrito no seu tempo, cheio de humanidade.

A articulação entre a história de vida e a história das idéias de Jules Michelet, trabalhada com maestria por Lucien Febvre, é a principal condição para a compreensão de seu pensamento. Conforme nos alerta o autor, não há quem possa interpretá-lo e compreendê-lo plenamente senão pela “própria vida, pelo coração, pelas paixões, pelas leituras também, e pelos lugares e pessoas que Michelet freqüentava” (p. 121). É no entendimento e no sentimento com relação a uma História humana e viva que encontramos pontos em comum entre os dois autores.

Sob o enfoque humanista de Febvre, Michelet, por possuir “temperamento” de historiador, “criou a História”. Ele é também um poeta e ao olhá-lo desta maneira o autor ilustra ainda mais o veio flexível de seu pensamento, destacando que para “descobrir os arquivos, para reanimá-los e explorá-los, seriam necessários poetas, e não guardiães” (p. 61). Assim, para Febvre, foi Michelet, “grande poeta”, o “maior lírico do nosso século XIX”; que fez com que os arquivos “reentrassem na vida; quem primeiro, de papéis mortos, extraiu sangue quente e vivo”(p. 62).

Qual era o método deste historiador-poeta em 1840? Lucien Febvre faz uma importante ressalva ao destacar que a palavra método deve ser considerada com algumas

precisões preliminares no que tange a Michelet, já que esta palavra é freqüentemente “prostituída” em “tolas bocas”. O seu desejo é de que o método de Michelet seja preservado e compreendido na íntegra. Em que pese um certo acento moralista do autor, ele apenas aspira, com uma grande carga emotiva, que o método de Michelet não seja descaracterizado, definindo-o como: total (totalizante) e sintético.

Aqui cabe-nos uma chamada à atenção dos leitores: na tradução que ora dispomos, o método histórico de Michelet é definido como sendo totalitário e sintético. Há um grave equívoco de tradução e/ou interpretação que pode suscitar uma compreensão completamente indevida acerca deste método. A interpretação de Febvre indica claramente para o sentido dado pelo autor ao seu próprio método (e dos Annales): total (totalizante) e sintético. Total, porque Michelet, como Febvre, não divide a realidade histórica. Portador de uma visão humanista fecunda, permite a Febvre a crítica à escolástica e ao cartesianismo. Sintético, pois um historiador do quilate de Michelet tem erudição, sensibilidade e maturidade intelectual e afetiva que o capacita para a produção de grandes sínteses históricas. Como se vê, trata-se de uma interpretação bem diferente da idéia expressa pelo vocábulo “totalitário”.

O método de Michelet é totalizante porque tudo o que se refere ao homem interessa à História; tudo o que os homens criam é objeto da História, é matéria da História. É sintético porque tudo o que diz respeito ao homem deve ser estudado em conjunto. Michelet, em 1840, e Febvre, nos anos 1942 e 1943, já se manifestavam contrariamente à fragmentação do saber.

A unidade da pessoa humana, eis o desejo de Jules Michelet. Analisando este desejo, Febvre observa a relação nítida entre a História que Michelet escreve e a sua própria vida, suas próprias paixões. É dessa combinação entre história de vida e história do pensamento que as idéias de Michelet devem ser apreendidas na sua essência.

O autor faz uso de muitas metáforas ao longo de suas aulas para ilustrar a preocupação de Michelet, e a dele próprio, com a unidade. São “combates” por uma História humana, viva, analítica e sintética. Febvre utiliza, entre outras, as metáforas: “novelo”, “fios”, “tapeçaria”. Estas metáforas sugerem que ao “tecer” cada parte do saber, em conjunto, o resultado final é a unidade, isto é, a “tapeçaria” da História.

Ao sustentar que a verdadeira História é analítica e sintética, Febvre recupera em Michelet a metáfora do químico. A analogia entre o químico e o historiador procede; porém a síntese do historiador é diferente da síntese do químico. A síntese deste opera-se fora dele, nos tubos de ensaio, nos aparelhos diversos onde põe em contato os corpos, cujas reações se propõe a estudar. Já a síntese do historiador não se pode operar, para Febvre, senão dentro dele. Trata-se de uma síntese imaginada, operada não na realidade, como a síntese do químico, mas no pensamento do historiador. Vale dizer que o recorte da realidade operado pelo historiador é eminentemente analítico.

Acompanhando de perto, aula por aula, o percurso analítico elaborado por Lucien Febvre, conjugando sempre história de vida com história das idéias no século XIX, observamos que quando Michelet, em 1841, no seu curso no Collège de France, formula o conceito de Renascença, este representa uma singularidade. Por um lado, refere-se e é

constitutivo de um embasamento teórico adequado; e, por outro, é indicativo de um drama de consciência: a morte de sua mulher em 1839.

Febvre sublinha que é necessário renascer para a História. A Renascença de Michelet é a “Renascença do coração”. A Renascença nasceu da morte da Idade Média. Para o autor, Michelet, para se entregar por inteiro à Renascença, matou a Idade Média.

Este conceito formulado por Michelet nasceu de um choque de duas civilizações: a Itália e a França. A Renascença de Michelet é italiana. Ele vai à Itália em quatro oportunidades e, segundo Febvre, são as sensações dessas viagens que dão vida à sua História.

Febvre retoma o problema da datação ao expressar que há uma dificuldade em datar a Renascença, porque esta é uma “mudança de clima”, e também uma palavra que se inscreveu no “âmbito flutuante do moderno”.

Estes dois historiadores-poetas desde 1840, com Michelet, passando pelos anos de 1942 e 1943, com Lucien Febvre, vêm contribuindo significativamente para que a análise histórica, sendo humana, viva, totalizante e sintética, e, mais que isto, sendo “filha da revolução”, acabe por “abraçar tudo”, na expressão de Febvre, para que possa dar conta dos sentimentos presentes no ofício do historiador e, também, vislumbrar diferentes visões de mundo.

Concluindo, nada mais adequado do que mencionar as palavras generosas e argutas de Lucien Febvre, para quem Jules Michelet

“opera na História e enquanto historiador, realiza exatamente o trabalho dos grandes médicos, dos grandes clínicos, que, reunindo fatos esparsos, agrupam-nos numa rigorosa síntese, e com eles criam uma entidade mórbida nova. Ele criou muito mais do que a Renascença. Foi um cérebro de um criador de História” (p. 278).

[Recebido para publicação em setembro de 1996]